

Índice

Introdução

- Angélica Varandas, André Simões, NMuno Simões Rodrigues 7

Um anel para todos dominar. Tolkien e o mitema do anel

- Nuno Simões Rodrigues 13

Sauron e os seus muitos nomes

- Angélica Varandas 25

Beorn

- Angélica Varandas e Luísa Azuaga 45

Boromir, Um herói imperfeito

- Diana Marques 63

Aragorn e Andúril: a representação do herói e da espada medieval

- Ana Rita Martins e Diana Marques 83

Os Orcs e o Mal

- Angélica Varandas 113

Anões e Elfos: entre pedras e deuses nórdicos

- Hélio Pires 133

<i>Por rios e florestas: geografia mitológica nórdica</i>	
Hélio Pires	151
<i>As montanhas e os reinos debaixo delas</i>	
José Varandas.....	167
<i>Adaptações além da imagem: canções na página e no ecrã</i>	
Ana Daniela Coelho	191

INTRODUÇÃO

J. R. R. Tolkien foi, juntamente com C. S. Lewis, o criador da fantasia moderna. A centralidade da sua obra no espaço genológico do fantástico, a sua influência e relevância no mesmo domínio e a sua preponderância nas estratégicas retóricas e narrativas mais imediatamente reconhecíveis pelos leitores do género são hoje ampla e consensualmente confirmados pelos críticos. De facto, após décadas de propostas sobre a difícil definição de “Fantasia”, Brian Attebery, em *Strategies of Fantasy* resolve o problema ao defender que este género, tal como todos os outros, deve ser entendido a partir do conceito de “conjunto difuso” (*fuzzy set*), que se define a partir de um centro (Attebery, 1992: 12). Este centro constitui um protótipo que o leitor constrói e que determina o seu entendimento do género em causa. Assim, cada leitor possui um modelo mental exemplar no que diz respeito aos géneros a partir do qual situa as obras que leu: “The category has a clear center but boundaries that shade off imperceptibly, so that a book on the fringes may be considered as belonging or not, depending on one’s interests” (Attebery 1992: 12). No caso da Fantasia, o centro é *O Senhor dos Anéis* de Tolkien, que é assumido como o exemplo modelar a partir do qual todas as outras obras no âmbito do fantástico são avaliadas e compreendidas, ou, como afirma Attebery: “*The Lord of the Rings* stands in the bullseye” (14). O autor acrescenta ainda: “[...] with the publication and popular acceptance of Tolkien’s version of the fantastic, a new coherence was given to the genre. [...] Tolkien’s form of fantasy, for readers in English, is our mental template [...]. One way to characterize

the genre of fantasy is the set of texts that is some way or other resemble *The Lord of the Rings*". (14)

Tal é evidente, não só ao nível da recepção dos textos, mas também ao nível da sua produção, uma vez que não são apenas os leitores para quem *O Senhor dos Anéis* constitui o texto paradigmático da fantasia. Os próprios autores do género, de modo mais ou menos generalizado, têm adoptado o modelo estrutural da obra de Tolkien e o teor medievalista das narrativas, como podemos apreciar, por exemplo, na obra de Robert Jordan e Brendon Sanderson, apenas para citar dois exemplos. Até George R. R. Martin, reconhece essa linhagem na concepção de Westeros em *The Song of Ice and Fire*, como o autor faz notar numa entrevista referida por Richard Preston em 2019, que pode ser lida em <https://winteriscoming.net/2019/05/14/george-r-r-martin-on-what-he-borrowed-from-j-r-r-tolkien/>:

When I started writing *Game of Thrones*, one of the things I did was to look at *Lord of the Rings* and see what Tolkien did and tried to take some lessons from it. [...] The structure was very influential on *Game of Thrones*. If you look at the structure of *Lord of the Rings*, it all begins in the Shire and it's very small. And then it gets bigger and bigger and bigger and bigger. The Fellowship starts together with the four Hobbits and then they pick up Strider – Aragorn – and then they get to Rivendell where they pick up more people. And for a while they're together, but then later in the books they split apart, they separate from the two groups. Now if you look at *Game of Thrones*, everybody except Dany starts out in Winterfell, then certain things drive them apart, and then they're scattered all over the world.

A exemplaridade da obra de Tolkien, porém, não se reduz ao género da fantasia. Na contracapa da segunda edição de *O Senhor*

dos Anéis, as Publicações Europa-América citavam o *Sunday Times*, que se referia ao mundo da língua inglesa como estando dividido em duas partes: “a daqueles que já leram *O Senhor dos Anéis* e a daqueles que o vão ler” (1966). Desta forma, a editora portuguesa assinalava a excelência da obra que, para o jornal inglês, assumia uma centralidade única não apenas no âmbito da literatura fantástica, mas também no domínio da própria literatura inglesa tomada na sua globalidade.

De facto, *O Senhor dos Anéis* constitui uma das obras literárias mais lidas de todos os tempos. Há cerca de duas décadas, a sua popularidade aumentou com a estreia e exibição dos filmes de Peter Jackson (2001-03) que contribuíram para o surgimento de uma nova legião de fãs, principalmente entre as camadas mais jovens, filhos do mundo digital. Além dos livros e do cinema, este passou também a ser um espaço de descoberta do *legendarium* tolkieniano por intermédio de canais na *internet*, *chats* e *posts* nas redes sociais.

Na busca por histórias que mantenham o público interessado em consumir novos produtos, argumentistas, produtores e criadores vários compreenderam que o universo criado por Tolkien é bastante mais vasto do que a viagem dos *hobbits* até Mordor para destruir o Anel Um, pelo que, o ano passado, foi lançada a série *The Rings of Power* pela Prime Video. Apesar da controvérsia que causou entre os amantes de Tolkien, a série está planeada para cinco temporadas. Entretanto, já este ano, anunciou-se a parceria entre a New Line Cinema e a Warner Bros. com o intuito de produzir mais adaptações do *legendarium*, que se transforma assim num produto “franchisado”, certamente com muito espaço para a criatividade que poderá não agradar totalmente aos leitores mais fiéis do autor.

Na Faculdade de Letras de Lisboa, tivemos a oportunidade de confirmar o quanto Tolkien é um dos autores mais lidos entre nós. Entre 2013 e 2017, José Varandas, Nuno Simões Rodrigues (Pro-

fessores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadores do Centro de História da Universidade de Lisboa – CH-ULisboa – e, no caso de N. S. Rodrigues, também do Centro de Estudos Clássicos da mesma Universidade – CEC-ULisboa) e Angélica Varandas (também Professora da mesma Faculdade e investigadora do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa – CEAUL) organizaram uma série de cinco seminários dedicados à discussão da obra tolkieniana, intitulados *Tolkien: Construtor de Mundos*. Procuravam, por um lado, homenagear um universo do qual eram leitores ávidos e, por outro, dar-lhe visibilidade em meio académico, numa resposta ao desafio colocado por Nuno Simões Rodrigues: “E se organizássemos um Encontro sobre Tolkien na Faculdade?” Estes seminários tornaram evidente que faltava, na universidade portuguesa, uma discussão mais alargada, que reunisse não só professores e investigadores de várias proveniências, mas que expandisse, de igual modo, o debate sobre Tolkien aos estudantes, quer da Faculdade de Letras, quer de outras escolas universitárias do nosso país, e não só, bem como a outros interessados e amantes da sua obra. O resultado foi, pois, uma enorme afluência de espectadores, que encheram as salas onde os seminários que decorriam e que revelaram uma enorme vontade de debater a obra do autor em espaço académico.

Na verdade, o estudo dos textos de Tolkien entre nós são ainda relativamente escassos. Na Faculdade de Letras, é de destacar o ensaio pioneiro sobre o autor, escrito em 1964 por Maria Leonor de Castro Homem Telles: uma Tese de Licenciatura intitulada *A Floresta de Ouro: Uma Interpretação Literária de J. R. R. Tolkien*. Ainda na esfera académica, mais estudos dedicados a Tolkien seriam feitos em Portugal. Desses, salientam-se a Dissertação de Mestrado e a Tese de Doutoramento de Maria do Rosário Monteiro, da Universidade NOVA de Lisboa, respectivamente *The Lord of the Rings: a viagem e a transformação*, apresentada em 1987, e *A simbólica do*

espaço nos mundos fantásticos neo-românticos: análise comparativa das obras: The Lord of the Rings e Earthsea, defendida em 1996.

Nos anos mais recentes, contudo, o interesse por Tolkien por parte de investigadores portugueses tem vindo a alargar-se e mais atenção tem sido dada ao autor por parte de estudantes da Faculdade de Letras e para a qual terá também contribuído, em certa medida, a cadeira *Ficção Científica e Fantasia de Expressão Inglesa*, criada pelo grupo de investigadores “Mensageiros das Estrelas”, sediado no CEAUL. Entretanto, em 2022, a edição de *Nóle Hyarmenillo. An Anthology of Iberian Scholarship on Tolkien*, organizada por Nuno Simões Rodrigues, Martin Simonson e Angélica Varandas e publicada pela Walking Tree Publishers, dá também testemunho da forma como Tolkien tem sido alvo de análise por parte de investigadores portugueses e espanhóis, alguns dos quais se uniram aos colegas de Portugal na última edição do seminário *Tolkien: Construtor de Mundos* no qual se deu início ao diálogo entre os dois países sobre a obra do autor.

Pretendendo dar continuidade à reflexão crítica sobre os textos de Tolkien, que não se reduzem a *O Senhor dos Anéis*, surge agora este livro, que vem dar conta da pluralidade de discussões em torno dos vários temas e motivos presentes no *legendarium* tolkieniano decorrentes dos seminários *Tolkien: Construtor de Mundos*: das personagens aos lugares, das influências clássicas e medievais à recepção da obra de Tolkien no cinema, da reflexão sobre o contexto artístico em que o autor se moveu a aspectos relacionados com a sua produção ensaística e com as línguas que criou. Procura também evidenciar que os textos do autor têm sido alvo de estudo crítico não só por investigadores do domínio da Literatura, mas também da História, e não apenas pela área da Anglística, mas também da dos Estudos Clássicos. É da união entre estes três Centros da Universidade de Lisboa (CH-ULisboa, CEAUL e CEC-ULisboa) que nasce esta publicação, à qual se junta André Simões, investigador

desta última unidade de I&D e Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Todavia, e apesar do título, este livro não procura ser apenas uma compilação de textos apresentados nos seminários referidos, textos esses devidamente revistos tendo em conta o propósito a que se destinam. Esta publicação tenciona antes constituir o primeiro volume de uma pequena colecção, para a qual foram igualmente redigidos novos ensaios, cujo objectivo é dar a conhecer ao público académico e não académico algumas das reflexões que se têm produzido ao redor de Tolkien por professores e investigadores da Faculdade de Letras e seus convidados.

Este primeiro volume revisita personagens e lugares da Terra-Média, que, obviamente, não se esgotam nas suas dezenas de páginas. Entendemos esta publicação como uma primeira abordagem a determinadas figuras e espaços que permitem uma reflexão sobre questões de foro estético, filosófico, cultural e político que Tolkien explorou por seu intermédio. Outros elementos e lugares da narrativa serão contemplados nos próximos volumes desta coleção, em que se examinarão igualmente outros aspectos da vasta produção ficcional e ensaística de Tolkien.

Por fim, tanto este livro como os que se seguirão constituem ainda um modo singelo de a Faculdade de Letras, a Universidade de Lisboa e os seus Centros de Investigação Científica assinalarem a morte de J. R. R. Tolkien, um dos mais notáveis escritores contemporâneos, cuja obra é certamente universal e intemporal.

Lisboa, 20 de Março de 2023

Angélica Varandas

André Simões

Nuno Simões Rodrigues

UM ANEL PARA TODOS DOMINAR. TOLKIEN E O MITEMA DO ANEL

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa

CH e CEC-ULisboa / CECH-UC¹

No âmago da obra de Tolkien, *O Senhor dos Anéis*, está um velho mitema: o anel. Como facilmente se comprehende, não é nossa intenção fazer neste foro uma genealogia das temáticas e dos mitemas a que o famoso escritor de língua inglesa recorreu para criar a sua obra-prima. Seria tarefa vã, visto que, por um lado, o espaço disponível seria escasso, e por outro, essa tarefa foi já levada a cabo por especialistas vários, essencialmente comprometidos com a obra tolkieniana e, por conseguinte, bem mais competentes para a concretizar. Mas parece-nos também evidente que, apesar de essencialmente leitor, um estudosos da Antiguidade Clássica dificilmente permanece passivo e indiferente aos enredos criados pelo autor de *O Senhor dos Anéis*². Primeiro, pela genialidade criativa de Tolkien, claro está, que com facilidade se saboreia a cru, independentemente do equipamento teórico que se tenha (e temos consciência de que

¹ Estudo financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020 do Centro de História da Universidade de Lisboa; e UIDB/00019/2020 e UIDP/00019/2020 do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

² Os estudos recentemente reunidos em Williams, 2021 provam esta nossa afirmação.

esta não é uma opinião unânime, pois não falta quem considere a obra tolkieniana uma espécie de “Winnie-the-Pooh posing as epic” (Moorcock 1987: 125; Timmons 2000: 1-2); depois, pelas ressonâncias que o *corpus* tolkieniano facilmente suscita no público mais bem familiarizado com os códigos mitológico-literários, que constituem a matéria-prima da nossa investigação.

Tal como não é nosso objectivo fazer a genealogia ou sequer a *Quellensforschung* da obra de Tolkien, também não é nossa pretensão apresentar uma hipótese/tese original acerca da questão. Propomos tão-somente um breve enquadramento poético que suscite um conjunto de reflexões acerca de alguns dos temas que podemos encontrar na obra de J. R. R. Tolkien. Temos como importante a consolidação da perspectiva de que o criador de figuras fascinantes trouxe à tona as suas raízes culturais de europeu, para cujo estudo estava, aliás, particularmente bem equipado, dada a sua formação académica e científica. O facto é que parte considerável do valor do *opus* tolkieniano se deve precisamente ao que o seu autor foi enquanto filólogo e investigador.

Como é evidente, as chamadas mitologias e folclore nórdicos estão particularmente presentes neste processo criativo. Mais do que os caracteres, a própria estrutura dessas narrativas parece subjazer à composição do universo tolkieniano (Timmons, 2000: 1-10). Mas aquelas estão longe de ter sido a única fonte a que Tolkien foi beber. Está claro também que, no âmbito destas considerações, impõe-se a ideia de que, quando falamos de mitologia, “afinidades” e “comunhões” são conceitos demasiado vagos e não raramente parecem apontar caminhos que facilmente nos conduzem ao dolo. Além do mais, a “paralelomania”, sobre a qual escrevia Sandmel (Sandmel, 1962), pode ser uma armadilha suplementar neste processo. Mas o facto é que as evidências se manifestam e que a produção literária se faz com recurso a matérias-primas variadas, em particular quando estamos no domínio do fantástico e de fórmulas do imaginário colectivo. Será esta uma das razões por

que em Tolkien encontramos tanto o épico como o trágico, o utópico e o distópico, a catábase e a anábase, o sagrado e o profano, o maravilhoso e o filosófico. O autor é, assim, um produto da sua cultura, sem prejuízo de ser em simultâneo um agente da mesma.

Feitas que estão estas observações preliminares, tecemos algumas considerações em torno de um dos mitemas em que podemos radicar a obra tolkieniana. Naturalmente, as raízes e as ramificações são variadas e muitas são as pontes e as relações que poderíamos estabelecer. Uma das mais abordadas tem sido a do tema da demanda, que uns consideram a essência de *O Senhor dos Anéis* e outros nem tanto (vide e.g. Clark, 2000: 39-49). Outros ainda fazem depender a *Quest* da estrutura psicológica dos caracteres, considerando que se para alguns ela existe, para outros nem por isso (Newman 2005: 229-247). Por outro lado, as afinidades que podemos encontrar entre os romances de Tolkien e textos fundacionais da cultura ocidental são muitas, e.g.: a *Epopeia de Gilgamesh*, o *Êxodo*, a *Ilíada*, a *Odisseia*, os *Argonautica*, a *Eneida*, a mitologia irlandesa, alguns livros bíblicos, o ciclo arturiano, *Beowulf*, *Amadis de Gaula*, o *Das Nibelungenlied* e até o *corpus* de *Märchen* reunido pelos Irmãos Grimm, entre outros³.

Acima de tudo, isto parece provar a ideia de que Tolkien se terá preocupado com a tarefa de “criar uma mitologia”⁴. Mas há, sobre tudo, que não esquecer que, enquanto filólogo, J. R. R. Tolkien tinha acesso privilegiado a qualquer uma destas fontes nas suas línguas originais.

Qualquer objecto serve para a demanda. Mas centremo-nos no anel. Paralela a todas as discussões científico-académicas acerca da natureza e fundamentos da obra tolkieniana é a presença indiscu-

³ Ver entradas para estas temáticas em Drout, 2007; ou o seu tratamento em Ruud, 2011; Lee, 2014.

⁴ Sobre este assunto, ver e.g. Chance, 2001; Timmons, 1998: 210; Fisher, 2007: 258; Fisher, 2007: 445-447.

tível desse objecto. Aliás, independentemente da eventual relação directa dos vários episódios com Tolkien, interessa-nos salientar a perenidade de um mitema, que de certo modo atinge a acme nos textos tolkienianos. Para todos os efeitos, este é um motivo já identificado por Propp como frequente nas estruturas de mitos e lendas (e que de certo modo e em parte se complementa com a tese do monomito de Campbell). Foi já concretizado, aliás, um estudo, eventualmente exaustivo, que pretende coligir precisamente as narrativas em torno do mitema do anel⁵.

Por várias vezes, o anel é aquele objecto mágico que o herói tem de buscar ou proteger, com várias simbologias e significados: aliança, compromisso, submissão, reconhecimento, poder, soberania, vínculo, domínio, obstáculo, destino, infinitade, adivinhação, erotismo (Belfiore, 2010: 56). Vários textos antigos remetem para esta pluralidade de leituras da simbologia do anel. Em Ovídio, por exemplo, marca-se profundamente o cunho erótico do símbolo anelar (Ovídio, *Amores* 2.15). Em Petrónio, Trimalquião usa um anel ligeiramente dourado para fingir ser quem não é (Petrónio, *Satyricon* 32.3), e a Cloe de Longo usa anéis nos tornozelos para marcar a sua ilustre ascendência (Longo, *Dáfnis e Cloe* 4.31). Ao morrer, Alexandre dá o seu anel a Perdicas, sinal de transmissão do poder (Quinto Cúrcio, *História de Alexandre da Macedónia* 10.6-10). E o mesmo faz o faraó do Egito quando confia o governo do país a José (Génesis 41.42), ou Assuero, o rei da Pérsia, quando, no livro de *Ester* outorga o poder a Mardoqueu (Ester 8.2).

O tema do anel está particularmente presente na cultura grega. Em Heródoto e em Platão, ainda que nem sempre com o mesmo simbolismo, encontramos uma das narrativas mais conhecidas e que por certo não serão estranhas ao enredo tolkieniano (Newman 2005: 245; Neubauer 2021: 217-246). Trata-se da célebre história

⁵ Delattre, 2009, que valoriza as narrativas gregas em torno de Polícrates e de Minos.

do anel de Polícrates ou de Giges. Na versão de Heródoto, recontada por Estrabão (14.1.16-17), Polícrates é o rei de Samos a quem a sorte parece bafejar, outorgando-lhe poder e riqueza. Conta o historiador de Halicarnasso que, inquieto, o faraó Amásis teria prevenido Polícrates da inveja que tanta sorte, mais cedo ou mais tarde, suscitaria nos deuses. Na sequência do conselho do rei do Egípto, o soberano de Samos teria então decidido dar entrada a alguma má sorte na sua vida. Para isso, pensou em qual seria, dos seus tesouros, o que lhe provocaria maior desgosto em caso de perda. Polícrates concluiu que seria um anel encastoado em ouro, que costumava trazer sempre no dedo. O rei decidiu, pois, livrar-se da jóia: “equipou um navio, subiu a bordo e fê-lo navegar até ao mar alto. Quando já estava ao largo da ilha, tirou o anel do dedo e... lançou-o à água” (Heródoto, *Histórias* 3.41.2, trad. M. F. Silva). Polícrates regressou então a casa para sofrer pela sua perda. Seis dias depois, porém, um pescador apanhou um peixe magnífico, que achou digno de oferecer ao rei. Polícrates agradou-se com a oferenda e ordenou que preparassem o peixe para o jantar. Ao abrirem o pescado, todavia, os servos encontraram-lhe no bucho o anel de Polícrates. Radiantes, decidiram levar o anel ao rei, que se convenceu de que a Providência estava de facto do seu lado (Heródoto, *Histórias* 3.40-43, trad. M. F. Silva)⁶.

A Heródoto interessa salientar a função moral que a história do anel de Polícrates proporciona, centrando depois a sua narração na problemática política subjacente (Labarbe 1984: 30). A nós importa relevar o uso do tema do anel, aqui por certo uma recuperação de um antigo motivo folclórico, reaproveitado, poucos anos mais tarde, por Platão. Com efeito, o tema é igualmente narrado pelo filósofo, mas com outro protagonista: Giges. Ao que parece, Platão funde duas das célebres histórias herodotianas – a de Polícrates e a

⁶ Este tema foi retomado por H. C. Andersen no conto *Den standhaftige tin-soldat* – “O Soldadinho de Chumbo” – de 1838.

de Giges – numa só, ainda que a função do anel seja dissemelhante entre ambas.

Em Platão, um pastor lídio de nome Giges encontra um anel na mão de um cadáver, que lhe é revelado na sequência de uma tempestade e de um sismo. Ao abrir-se uma fenda no solo, o pastor entra na fenda e no seu interior encontra um cavalo de bronze, dentro do qual está o corpo de um homem maior do que o tamanho normal, com o anel no dedo. Quando Giges se reúne com os outros pastores que apascentam os rebanhos do rei da Lídia, “deu por acaso uma volta ao engaste do anel para dentro, em direcção à parte interna da mão e, ao fazer isso, tornou-se invisível para os que estavam ao lado, os quais falavam dele como se tivesse ido embora. Admirado, passou de novo a mão pelo anel e virou para fora o engaste. Assim que o fez, tornou-se visível” (Platão, *A República* 2.359d-e, trad. M. H. da Rocha Pereira). Uma vez certo do poder que o anel lhe conferia, Giges juntou-se aos delegados que compareciam perante o rei. Junto do soberano, seduziu a mulher dele, atacou-o e matou-o, tornando-se assim rei da Lídia. No quadro da história de Giges, o “mito” do anel, que em Platão assume uma função parabólica de corrupção moral, como facilmente se percebe pelos parágrafos da *República*, é exclusivo do filósofo.

As circunstâncias romancescas da história de Giges em Heródoto são distintas (Heródoto, *Histórias* 1.8-12), mas não deixa de ser curioso que se verifique como que uma fusão das personagens. Por outro lado, não fica claro se Platão se baseou em Heródoto para a sua alegoria, havendo a hipótese de estarmos perante historietas bem antigas que circulavam popularmente na Grécia de então. De qualquer modo, foi também por certo através destes dois autores que o tema do anel enquanto tesouro inestimável e com um significado particularmente carregado subsistiu na cultura ocidental (Neubauer, 2021: 217-246).

Mas entre os Gregos estas não eram as únicas narrativas dedicadas ao anel. Também no mito de Teseu, figura central da realeza ateniense, a jóia marcava presença de destaque. Conta Pausâncias, que quando Minos levou Teseu para Creta, juntamente com o restante grupo de jovens que seriam oferecidos ao Minotauro, o rei da ilha ter-se-ia apaixonado por Peribeia, o que teria desagradado ao príncipe ateniense. Minos teria provocado Teseu, afirmando que o jovem que se reclamava filho de Posídon na verdade não era. Para o testar, Minos lançou ao mar o anel que trazia no dedo, dizendo que a prova do que afirmara estava no facto de o jovem ser incapaz de recuperar o tesouro. Teseu mergulhou em demanda do anel e quando regressou à tona trazia não só o anel de Minos como também uma coroa de ouro que lhe havia sido oferecida pela própria Anfitrite, com quem, entretanto, se encontrara, pois fora recebido no palácio do pai (Pausâncias, *Descrição da Grécia* 1.17.3). Assim confirmava Teseu o seu estatuto.

Em Plínio-o-Velho, lemos um velho mito grego, segundo o qual, quando Prometeu foi libertado por Héracles, Zeus aceitou a situação na condição de o titã passar a usar um anel feito com o metal das correntes que o agrilhoavam ao Cáucaso e engastado com um pedaço da rocha, em sinal de compromisso e submissão ao Pai dos deuses (trata-se de um mito etiológico para os anéis com pedras, Plínio-o-Velho, *História Natural* 37.1.2).

Ainda no século II d. C., Luciano de Samósatos pedia a Hermes anéis que lhe proporcionassem saúde, um corpo robusto, invulnerabilidade, insensibilidade à dor, o poder de ser invisível, de abrir todas as portas, de ultrapassar todos os obstáculos, forças superiores às de dez mil homens e que ainda o tornassem irresistível ao olhar de todos os jovens efêbos e de todas as mulheres (Luciano, *O Navio* 66.42-43). Tanto para um só anel...

Como vimos, porém, o mitema do anel não é exclusivo da cultura grega. Na velha literatura egípcia, por exemplo, no conto co-

nhecido como *Hórus e Set*, um texto tebano datado do reinado de Ramsés V (Império Novo), Ísis pede ao barqueiro Nemty que a leve à ilha no meio do nevoeiro dando-lhe em troca um anel de ouro que funciona como forma de pagamento para uma tarefa que, no contexto em que é apresentada, surge como transgressora (*Hórus e Set* 5.1-6.1)⁷. Mais tarde, em Josefo, autor já helenístico, lemos a história de um exorcista de nome Eleazar que na presença de Vespasiano, Tito e Domiciano, afastava demónios de quem por eles estava possuído. Segundo o historiador judeu, Eleazar aproximava do nariz do endemoninhado um anel que continha a raiz de uma árvore que fora indicada por Salomão como eficaz no processo de exorcismo. Ao cheirar o anel e a raiz, o paciente expulsava pela fossa nasal o demónio que o possuía (Josefo, *Antiguidades Judaicas* 8.42-49).

A tradição de um anel mágico associado a Salomão tornou-se, aliás, proverbial. No âmbito do judaísmo rabínico, o tratado mishnáico conhecido como *Gittin* (datado dos séculos I-II d. C.) inclui a lenda do anel de Salomão, segundo a qual o célebre rei de Israel recebera o tesouro directamente do céu, ganhando assim o poder de controlar os génios do bem e do mal, mas também as forças da natureza (os ventos, as águas, as aves e os animais, além dos espíritos), pois o anel tinha nele gravado o poderoso nome de Deus (*Talmude, Gittin* 68a-b). Esta lenda foi também registada no *Talmude* e particularmente desenvolvida pelos autores árabes, que além de afirmarem que, graças ao tesouro, Salomão desafiava a natureza (e.g. voava num tapete) e interagia com ela (e.g. falava com os animais), escreveram também que o anel do rei teria sido roubado por Asmodeu, o demónio referido no livro de *Tobite* (*Tobite* 3.8, 17). Este tê-lo-ia lançado ao mar e, por isso, o rei israelita teria ficado privado dos seus poderes, até que descobriu o tesouro no in-

⁷ Ver a edição de Lichtheim 2006: 216-217.

terior de um peixe. Esta história parece radicar, evidentemente, na narrativa de Heródoto (Jellinek, 1853-1878: 2.86-87; D'Herbelot, 1697: ff. 67-69).

Um conto de origem judaica (*yiddish*), cuja datação se perde na noite dos tempos, narra que Salomão teria chamado o seu capitão da guarda e que lhe teria ordenado que encontrasse um anel de que ouvira falar e que, ao ser contemplado, tinha a capacidade de alegrar um homem triste e de entristecer um homem alegre. Benaías, o capitão, teria percorrido o mundo em busca de tal tesouro, mas em lado nenhum se ouvira falar da jóia, até que um comerciante lhe deu um anel no qual gravou as seguintes palavras: “Também isto passará.”⁸ Salomão, que esperava que Benaías não fosse bem sucedido, teve uma lição de humildade, pois, ao ler o que estava escrito no anel, a alegria que sentiu ao perceber que o objecto de facto existia, logo passou a tristeza.

Na tradição dos *Märchen* ou contos de fadas, o tema do anel está também presente. A versão albanesa da *Branca de Neve*, recolhida no século XIX pelo filólogo J. G. von Hahn, por exemplo, conta que o sono que acaba por neutralizar a jovem e a sugerir a sua morte teria sido provocado não por uma maçã, mas por um anel encantado. De igual forma, o enredo do poema germânico medieval conhecido como *Das Nibelungenlied* inclui o mitema do anel, o que proporcionou a Wagner o motivo central da sua mais famosa obra: a tetralogia *Der Ring des Nibelungen*, que terá sido, sem dúvida alguma, uma das fontes de Tolkien (recordamos que também Schiller escreveu sobre o anel de Polícrates em *Der Ring des Ptoleymäus*, 1797).

Como afirmámos, não foi nossa intenção fazer aqui a genealogia do tema do anel tolkieniano, e muito menos das várias temáticas presentes na obra do autor de *O Senhor dos Anéis*. As fontes foram decerto muitas e variadas. Para mais, ao escrever em pleno

⁸ *Gam zeh ya'avor* apud e.g. Keding 2008: 162-163.

século XX, sendo filólogo e por certo consciente das diversas epistemologias da literatura, coincidindo com a difusão do formalismo russo e a afirmação do estruturalismo pelas academias, Tolkien estava em posse de um número assinalável e significativo de instrumentos para compor os seus textos, elaborar os seus enredos e definir as suas personagens.

Com efeito, parece-nos evidente que a busca de Frodo e dos seus companheiros que desemboca numa *Bildungsreise* não será estranha às de Gilgamesh, Ulisses, Jasão ou Eneias; Gandalf não pode dissociar-se de Merlin do ciclo arturiano; Aragorn recupera vários dos traços de Amadis; a fealdade e cupidez de Sméagol/ Gollum não deverá ser alheia às de Tersites; os *orcs* tolkienianos evocam tanto os ciclopes odisseicos, como os *ogres* já mencionados por Chrétien de Troyes, como ainda os possivelmente *trolls* do poema *Beowulf*; os elfos são antigas figuras do folclore germânico e escandinavo; o ambiente bucólico da aldeia dos *hobbits* sugere as paisagens teocritianas; a sonoridade semítica e angelical do nome da bela Galadriel não pode ser mera coincidência; como não é o nome grego de Sauron, que significa “lagarto”, qual metáfora do dragão contra o qual o herói tem de lutar para conseguir o tesouro; batalhas como a de Morannon não estão distantes dos combates épicos nas praias de Tróia; Gimli e os seus anões estão com certeza relacionados com os textos islandeses conhecidos como *Edda*, mas também com aqueles que fazem parte do *corpus* do ciclo dos Nibelungos, quer no poema alemão registado no século XII quer na genial recriação wagneriana de oitocentos. Os arquétipos estão lá. E, claro está, mostram os documentos que o anel que justifica todo o enredo não é de forma alguma fruto de um acaso.

Se por um lado tentámos acentuar a perenidade de um tema, por outro não podemos deixar de concluir, com outros, que Tolkien é uma espécie de caldeirão mágico no qual se encontram, misturam e renovam tradições da cultura europeia, que se sintetiza na

frase lapidar que justifica a fantástica aventura de Frodo Baggins: *One Ring to rule them all.*

Referências

- BELFIORE, J.-C., *Dictionnaire des croyances et symboles de l'Antiquité*, Paris, Larousse, 2010.
- CHANCE, J., *Tolkien's Art: A Mythology for England*, Lexington, The University Press of Kentucky, 2001.
- CLARK, G., “J. R. R. Tolkien and the True Hero”, in G. Clark, D. Timmons (eds.), *J. R. R. Tolkien and his Literary Resonances: Views of Middle-Earth*, London, Greenwood Press, 2000, pp. 39-49.
- D'HERBELOT, B., *Bibliothèque Orientale, ou dictionnaire universel contenant tout ce qui regarde la connoissance des peuples de l'Orient*, 1697.
- DELATTRE, C., *Le cycle de l'anneau. De Minos à Tolkien*, Paris, Éditions Belin, 2009.
- DROUT, M. D. C. (ed.), *J. R. R. Tolkien Encyclopedia*, New York/Oxford, Routledge, 2007.
- FISHER, J., “Greek Gods”, in M. D. C. Drout (ed.), *J. R. R. Tolkien Encyclopedia*, New York/Oxford, Routledge, 2007, p. 258.
- , “Mythology for England”, in M. D. C. Drout (ed.), *J. R. R. Tolkien Encyclopedia*, New York/Oxford, Routledge, 2007, pp. 445-447.
- JELLINEK, A., *Beth ha-Midrash*, 1853-1878.
- KEDING, D., *Elder Tales: Stories of Wisdom and Courage from Around the World*, London, Libraries Unlimited, 2008.
- LABARBE, J., “Polycrate, Amasis et l'anneau”, *Acta Classica* 53, 1984, pp. 15-34.
- LEE, S. D. (ed.), *A Companion to J. R. R. Tolkien*, Oxford, Blackwell, 2014.
- LICHTHEIM, M., *Ancient Egyptian Literature*, vol. II – *The New Kingdom*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 2006.

- MOORCOCK, M., *Wizardry and Wild Romance: A Study of epic Fantasy*, London, Gollancz, 1987.
- NEUBAUER, L., “Less Consciously at First but More Consciously in the Revision: Plato’s Ring of Gyges as a Putative Source of Inspiration for Tolkien’s Ring of Power”, in H. Williams (ed.), *Tolkien & The Classical World*, Zurich and Jena, Walking Tree Publishers, 2021, pp. 217-246.
- NEWMAN, J. K., “J. R. R. Tolkien’s ‘The Lord of the Rings’: a Classical Perspective”, *Illinois Classical Studies* 30, 2005, pp. 229-247.
- RUUD, J., *A Critical Companion to J. R. R. Tolkien. A Literary Reference to His Life and Work*, New York, Facts on File, 2011.
- SANDMEL, S., “Parallelomania”, *Journal of Biblical Literature* 81, 1962, pp. 1-13.
- TIMMONS, D., “Introduction”, in G. Clark, D. Timmons (eds.), *J. R. R. Tolkien and his Literary Resonances: Views of Middle-Earth*, London, Greenwood Press, 2000, pp. 1-10.
- TIMMONS, D., *Mirror on Middle-Earth: J. R. R. Tolkien and the Critical Perspectives*, Toronto, University of Toronto, 1998.
- WILLIAMS, H. (ed.), *Tolkien & The Classical World*, Zurich and Jena, Walking Tree Publishers, 2021.